

**AS DINÂMICAS DO FEMININO NA FUNDAÇÃO DAS CIDADES:
a cultura latente na organização do patrimônio cultural urbano.**

THE DYNAMICS OF THE FEMININE IN THE FOUNDATION OF CITIES:
the latent culture in the organization of urban cultural heritage.

Willian Jonas Mininel¹
antbusnardo@gmail.com

Antonio Busnardo Filho²
antbusnardo@gmail.com

Resumo: A cidade tem o seu espaço dividido e classificado de várias maneiras e formas de apropriação, que nem sempre estão de acordo com os procedimentos legais dos Planos Diretores. Essas formas de apropriação são regidas por forças latentes, que mostram os princípios da fundação do núcleo urbano; mesmo que isso não seja percebido de imediato. É sobre essas forças que se pretende refletir, neste texto – compreender as dinâmicas do feminino que instituíram o patrimônio cultural, por excelência, do *sapiens*, as cidades. Tomamos para este estudo bases de história do urbanismo, mas, principalmente, os estudos de antropologia do imaginário e as observações e vivências urbanas tiradas dos anos vividos, enquanto um método empírico. Considerando a cidade como uma criação do microuniverso mítico sintético é que descobriremos Atena e Ártemis, Deméter e Afrodite como forças complementares que organizam os agrupamentos humanos, das vilas às grandes metrópoles.

Palavras-chave: cidade; urbano; mitemas; Deusa, patrimônio cultural.

Abstract: The city has its space divided and classified in various ways and forms of appropriation, which are not always in accordance with the legal procedures of the Master Plans. These forms of appropriation are governed by latent forces, which show the principles of the foundation of the urban core; even if it's not immediately noticed. It is on these forces that we intend to reflect, in this text – to understand the dynamics of the feminine that instituted and have shaped the cultural heritage of *sapiens*, cities. For this study, we took bases from the history of urbanism, but, mainly, the studies of anthropology of the imaginary and the observations and urban experiences taken from the years lived, as an empirical method. Considering the city as a creation of the synthetic mythical micro-universe, we will discover Athena and Artemis, Demeter and Aphrodite as complementary forces that organize human groupings, from villages to large metropolises.

Keywords: city; urban; myths; Goddess; cultural heritage.

¹ Arquiteto e Urbanista. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo pelo UNIVAG Centro Universitário.

² Arquiteto e Urbanista. Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo. Professor Titular do UNIVAG Centro Universitário.

A cidade além da cidade

O espaço urbano é dividido e identificado por várias formas de apropriação e de reconhecimento, que o definem a partir de suas funções e de seus usos, com o propósito de proteger e de possibilitar a vida e a convivência entre seus cidadãos; o que nem sempre é percebido de imediato, dando a impressão que o espaço urbano é um lugar de disputas e desavenças. Pois bem, o espaço urbano das cidades é tudo isso que protege e permite a vida e a convivência e o que isola e propicia a disputa, dependendo da análise de suas dinâmicas fundadoras, ou de seus actantes. Só é preciso entender as ações das forças femininas, ora da luz, ora das trevas, em sua complementaridade organizadora, para se compreender a passagem da soberania da Deusa, para a presença do Deus em seu potencial explorador, e ter, por fim, o entendimento de uma organização complementar, que aponta para o Regime de Imagem Noturno e o Microuniverso Mítico Sintético em que a cidade se estrutura.

Para uma compreensão mais direcionada destas questões que polarizam e complementam a organização das cidades, usaremos como apoio conceitual sobre o sentido da cultura, alguns autores como Gilbert Durand, Edgar Morin, Michel de Certeau e José Carlos de Paula Carvalho. Mesmo não aprofundando estes conceitos, por não ser aqui o lugar apropriado, mesmo nos valendo de uma funcionalidade intelectual, os conceitos não serão empregados de forma distorcida. Assim, encontraremos o conceito de cultura, em Michel de Certeau, como sendo plasma existencial, que para além do polo do instituído, patente, em uma ampliação agrega a dimensão latente e instituinte, recorrendo ao inconsciente, à diferenciação e à indeterminação. A cultura, para Certeau, é a mediação entre o patente e o latente, o plasma existencial. Para Durand, a cultura é o trajeto antropológico, na determinação, ou pela determinação do Imaginário, enquanto capital pensado do *homo sapiens*; para Morin, a cultura é a recursividade entre os processos metabólico e metaléptico, ampliados por Paula Carvalho, em sua culturálise, local da convergência e da sutura epistemológica destes conceitos. Assim, para o estudo da fundação das cidades, patrimônio cultural por excelência da construção do *sapiens* enquanto intervenção no mundo natural, a dimensão latente será a chave da leitura, ou seja, a recorrência ao inconsciente, ao imaginário, à recursividade mítica e à *mythopoiésis*, enquanto ampliação do aparelho simbólico. Portanto, a cidade será lida na sua dimensão mítica e simbólica, necessária à sua construção e à manutenção física da sua realidade “palpável”; mesmo que trabalhemos, ou que enfatizemos o

polo latente, a cultura deverá ser compreendida como a trajetividade entre a indeterminação e a vivência das diferenças – entre o instituinte e o instituído.

A cidade sempre é mostrada como um refúgio; talvez, o refúgio último do ser humano, na sua aventura antropológica e cultural como sendo a proteção dos diferentes, dos bárbaros, dos perigos naturais, feras, intempéries e de tudo aquilo que causava medo ou morte. Estas circunstâncias, que provocaram o progresso da humanidade, transferiu-se para dentro do perímetro da cidade. Então, o que poderia haver para além dela? Qualquer outra possibilidade resultará sempre em aglomeração humana, que resultará em uma forma ambiente que repetirá estruturas já conhecidas do ambiente urbano. Então, quando a cidade poderá ser diferente da cidade já conhecida? Somente quando for estudada e analisada na sua dimensão simbólica; não para justificar o seu sentido de Refúgio, mas antes, para compreender seus actantes, seus mitemas, e, conseqüentemente, descobrir sua dimensão mítico-simbólica e seu(s) mito(s) reitor(es) (Durand, 1979; 1983; 1989).

Em muitas análises, a cidade, mesmo sendo um substantivo feminino, recebe atributos masculinos, como o falo – prédios, obeliscos, monumentos, torres, elementos que se erguem para além da altura dos telhados -, sendo denominada de cidade fálica; reduzindo o significado do falo, nesses relatos, tirando o aspecto da força criadora do *Lingam* – energia potencial do Deus Shiva, o Transformador. A masculinização da cidade, dada pelo aspecto físico do seu desenvolvimento, não permitiu que o seu significado transcendesse o seu próprio sentido, prendendo-a a uma significação reducionista e de uma leitura viciada de um machismo secular – a cidade é feminina, mas a evolução é masculina -; mesmo que a palavra “evolução” seja substituída por progresso ou desenvolvimento – substantivos masculinos – ainda assim, não justifica a masculinização da cidade. Esta masculinização da cidade escondeu e inibiu a presença da Deusa, que emprestou sua força e seus atributos para a fundação e a organização histórica dos primeiros agrupamentos humanos, que se transformaram nas grandes cidades da antiguidade, como Constantinopla e Roma, por exemplo.

É possível, aqui, recorrer ao conceito, de Jung (2000), de *animus*, a representação arquetípica da potência masculina no feminino – desta forma o feminino da cidade fica salvaguardado e a sua força simbólica, intensificada. A cidade evolui na sua dimensão feminina pela ação do *animus*, da potência masculina. Então, agora é possível dizer que a cidade – feminina – se desenvolve em *animus* – masculino -; há uma complementaridade que une os

opostos, dando sentido de unidade à cidade. Nesta união, a cidade se institui como um ambiente com um ecossistema definido e, em alguns locais, ampliando o ecossistema rural, numa estrutura urbana – dando uma outra dinâmica tanto à área rural quanto à área urbana (mas isto é para um outro momento). Mas, o mais importante são as forças míticas que operam neste ecossistema/ambiente, chamado cidade.

Para justificar esta complementaridade, esta junção de oposto, demonstrada por Jung, é preciso buscar em Gilbert Durand (1921-2012) a base conceitual, sem querer fazer aqui um tratado, mas somente um devaneio, conforme Gaston Bachelard (1884-1962) – algo como perder-se em reflexões poéticas na análise de temas acadêmicos; poesia nas reflexões científicas e, nesse devaneio, pensar as Deusas, parte da Grande Mãe, geradoras de simbolismos sustentadores da ideia e conceito de cidade.

Considerando a antropologia do imaginário e suas estruturas, conforme Durand (1989) apresenta no seu trabalho sobre o tema, o conhecimento do “trajetos antropológico” é fundamental para a compreensão das dinâmicas simbólicas que fundam o urbano. Assim, os gestos do animal humano, dirigido ao meio natural e prolongados pelas dimensões tecnológicas e sociais são reversíveis, porque o meio natural induz a reações causadas pelos elementos naturais – gestos e matérias se fundam na imaginação dinâmica do objeto, lugar do símbolo, veículo do trajeto antropológico ou imaginário, no qual “a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito, e no qual, reciprocamente, (...), as acomodações subjetivas se explicam ‘pelas acomodações anteriores do sujeito’ ao meio objetivo” (Durand, 1989, 30).

No seu estudo sobre os Regimes de Imagens – Diurno e Noturno -, os Microuniversos Míticos - Heroico, Místico e Sintético – são apontados como *schèmes* que estruturam o Imaginário do indivíduo ou do grupo, como um símbolo motor. Assim, é possível compreender o *schème* como um conceito que une “os gestos inconscientes da sensório-motricidade entre as dominantes reflexas e as representações” (Durand, 1989, 42) –, que se relacionam com o ambiente natural e social, determinando os grandes arquétipos. Numa aproximação rasteira, pode-se pensar nos *schèmes* como actantes (cf. Algirdas Julius Greimas; 1917-1992) - participante ativo em qualquer forma de narrativa; - entendendo com Yves Durand (1988), que os actantes são dados intermediários, com função dramática, que organizam o pano de fundo dos acontecimentos sociais, dos dramas sociais; portanto, organizam os motivos cênicos dos

acontecimentos, em relação a “um nó dramaturgico estruturado segundo as modalidades relevantes da criação do imaginário” (Durand, 1988, 253), assim “do mesmo modo que os componentes naturais adquirem uma significação arquetipal por meio de um sentido dado pelos *schèmes*, os componentes dramaturgicos vividos e assimilados pelos *schèmes*, constituem os actantes” (idem, 254). Justificada a aproximação de *schème* e actante, pode-se buscar os mitemas - menor unidade semântica assinalada pela redundância no discurso – que desvelam o mito Fundador ou Reitor da narrativa; neste caso, as formas de ver e narrar a cidade.

Se a cidade se desenvolve em *animus*, conforme dito acima, pode-se compreender que na tripartição do Imaginário feita por Gilbert Durand (1989), a cidade se enquadra no Microuniverso Mítico Sintético, já que une as forças opostas em um mesmo espaço; na cidade o refúgio está garantido, mas as disputas e as contendias, também. O que une separa num eterno ciclo em busca do sossego e da paz... alcançada somente em uma cidade ideal, como as tantas descritas na literatura, e, talvez, na mais famosa, A Utopia de Thomas Morus, um não-lugar. Ou nas cidades arquetípicas, como a Jerusalém Celeste.

As Deusas fundadoras e seus mitemas

Antes de começarmos a falar nos mitemas das Deusas, faz-se necessário dizer que o plural é somente uma forma de apresentar os aspectos da Grande Mãe, a Deusa primordial – a origem de tudo e, também, da cidade. Os atributos das Deusas apontam para as características, regências, de cada uma, de tal forma que, todas as Deusas, representam a Grande Mãe, todas são a Grande Mãe, priorizando seus atributos mais básicos, que se complementam nos seus opostos, formando díades de Deusas (Woolger; Woolger, 2005) – Ártemis e Atena, Hera e Perséfone e, por fim, Deméter e Afrodite. Ficaremos com a díade mais apropriada para o que se pretende – Ártemis e Atena -, sem, no entanto, desconsiderar nenhuma outra, pois todos os atributos das Deusas são encontrados na cidade.

Atena tem como regência tudo o que se relaciona com a civilização; os aspectos da vida urbana, das cidades e da tecnologia, a ciência, as artes literárias, a educação e a dimensão intelectual da vida, cuidando das carreiras, da profissão e do relacionamento com o mundo patriarcal.

Ártemis rege a selva e os ermos, a natureza indomada, aproximando-se da vida natural e dos ciclos que regem o mundo humano e animal. Ártemis rege os instintos, cuidando mais do corpo do que da cabeça e priorizando a vida ao ar livre. O forte contraste no comportamento dessas Deusas, que têm características comuns, como o fato de serem conhecidas como as Deusas virgens (não casadas) e de portarem armas à maneira masculina permite defini-las como a *díade da independência* (Woolger; Woolger, 2005, 37). Com essa forte polarização, é perceptível o caráter de extroversão de Atena e a de introspecção de Ártemis. Podemos dizer que se Atena está nas ruas da cidade, regendo os fluxos de informações de trocas de pensamentos, de propostas intelectuais, enfim, todas as formas de eventos que movimentam a cidade; Ártemis está nos parques e praças, cuidando do que resta da natureza, ou de sua representação na cidade; cuidando da qualidade de vida para proteger o próprio ambiente de Atena; preservando um pouco do silêncio e da paz, em meio ao caos urbano. Talvez, nessas Deusas, o aspecto do *animus* seja muito mais forte e apareça com muito mais clareza. Ainda seguindo Woolger e Woolger (2005) é que encontramos Atena se relacionando com os homens, compartilhando ambições e metas profissionais, sendo atraída, também, por figuras paternas, nas instituições do patriarcado ou nos ideais espirituais, definindo a figura do herói companheiro e do pai como características da Deusa, ou seu *animus*. A energia masculina de Ártemis, por sua própria natureza, já lhe é suficiente como aspecto do masculino, o que a afasta da companhia dos homens, que não lhe interessam nem mesmo para disputas. Por ser muito discreta e acanhada, o seu *animus* é representado pela figura do irmão ou do amigo.

Atena, nascida pronta da cabeça do pai – daí sua preocupação com o intelecto -, a filha sem mãe, foi a representante máxima da sabedoria do pai, o que a fez conselheira dos heróis e guerreiros, e enquanto próxima a Zeus, a Donzela Guerreira teve erigido em sua homenagem um templo na cidade de Atenas, o Partenon (“*parthenos*”, virgem). Por consequência, representa ideais espirituais elevados e as criações do patriarcado grego (séc. V a.C.). Logicamente, seu mito é envolto em alegorias políticas, dada a sua preocupação com as questões intelectuais e os aconselhamentos que dava aos guerreiros e heróis, até por facilitar a passagem do matriarcado a um incipiente patriarcado, da Deusa para o poder nascente do Deus, permitindo que os homens assumissem poderes que não lhes pertenciam por direito, mas que eram assimilados lentamente, incorporando os aspectos do matriarcado. Com os aspectos da Deusa, Atenas passa de uma sociedade campesina a uma sociedade urbana, por

meio de seu poderio militar, muito mais do que seu poder agrícola. Os atenienses instituíram o festival Panatênico para celebrar a Deusa virgem, que demonstrava o deslocamento da consciência grega do campo para a cidade, a vida urbana. Atena era a Deusa da guerra, tendo a sua virgindade como símbolo para a impenetrabilidade e a espiritualidade da cidade e, em tempo de paz, “aconselhava as instituições sociais, artísticas e intelectuais, que tornaram Atenas a única no mundo antigo” (Woolger & Woolger, 2005, 49).

O poderio das cidades e dos Estados, que enfrentam e guerreiam com os poderes estabelecidos, como forma de afirmação de uma ideologia, que estabelecem procedimentos violentos contra outros povos, certamente se valem dos poderes de Atena, tanto para o bem, como para o mal. Para o bem, quando se trata de apaziguar estado de violência gratuita, ou daqueles que não aceitam a cultura de outros povos, ou diferentes das suas; para o mal, quando há um sentimento de vingança na ação. É preciso dizer que o lado negativo de Atena é, principalmente, a vingança; assim, como é para Ártemis. Se Atena parece ter sumido, ela só está adormecida, porque

Sempre que surgem cidades-estados poderosas e, conseqüentemente, a “civilização” (“*cives*” é aquele que habita a cidade), tende a haver um ressurgimento do espírito de Atena nos mitos e nas lendas ou, ainda, uma de suas raras encarnações.

(...) Sempre que a unidade nacional ou imperial se faz premente ou que sentimentos patrióticos precisam ser despertados, Atena aparecerá em canções propagandísticas (...) ou em cartazes políticos (...). (Woolger & Woolger, 2005, 49).

Pensando Ártemis, a Deusa complementar de Atena, sua díade, é preciso mostrar a sua oposição ao estado de espírito da irmã. A sua aversão ao mundo urbano, com seu ritmo acelerado, mostra claramente o seu elemento natural e o seu espaço de vida, a selva, florestas, os campos e os lugares mais afastados das cidades; locais onde ela pode se exercitar e agir livremente. Na cidade, Ártemis se torna tímida e solitária.

A presença de Ártemis, hoje, pode ser notada nos momentos de desbravamentos e conquistas de territórios, em que a energia corporal e a adaptação com o meio são mais requisitadas. São as mulheres pioneiras que enfrentam situações inesperadas e até violentas para conquistar o seu espaço e formar a sua comunidade. Podemos encontrar a presença de Ártemis nas mulheres que integram e dirigem movimentos sociais para resguardar seus

direitos à moradia e ao trabalho; mulheres que comandam grupos de pessoas que invadem terrenos vazios, para estabelecerem suas casas e criarem suas famílias.

A Deusa virginal, esguia e seminua, com seu arco e flecha e seus cães, não é tão frágil como aparenta ser. Essa Deusa da caça ensina aos seus seguidores o sentido da “participação mística”, uma integração total com o sentido do animal caçado e com os ciclos da natureza para que a ação seja eficiente. Na atualidade, podemos atribuir a essa consciência mística o sentido de territorialidade, um pertencimento psíquico e afetivo com o lugar, que possibilita uma consciência ecológica, que trata tanto do meio ambiente natural, quanto do construído.

Podemos compreender os lugares de Ártemis, na cidade, como sendo os parques, jardins, os espaços livres, onde prevalecem a flora e uma fauna fortuita. Ártemis se esconde nesses espaços, por um “amor intenso pela liberdade, pela independência e pela autonomia – um amor que também pode transparecer como agressão, pois ela sempre irá lutar para preservar a sua liberdade” (Woolger & Woolger, 2005, 86). Assim, devemos lembrar que o lado “negativo” de Ártemis, como o de sua irmã Atena, é a vingança.

A Deusa lunar, adorada e representada de várias formas, nas culturas antigas, regeu as formas de pensamento por muito tempo, nos seus desdobramentos e isomorfismos. Dessa maleabilidade da Deusa primordial, da Grande Mãe, é que surgem os mitemas, que podem ser representados pelas Deusas das díades, porque todas se complementam, todas repetem atributos, todas compartilham feitos; por conseguinte, as Deusas das díades, podem ser mitemas da Grande Mãe, ao mesmo tempo que as próprias Deusas têm seus mitemas identificadores, que mesmo se repetindo nas demais deusas, no conjunto definem aquela à qual se dirigem.

Os mitemas são elementos estruturais que se localizam no centro do mito, podendo ser de natureza arquetípica (Jung, 2000), *schématique* (Durand, 1989), ou actante (Souriau, 1993), pela sua força dinamizadora, que permite o desvelamento do mito diretor/reitor. As características das Deusas apontam os mitemas que as constituem; em Atena encontram-se as características que favorecem a civilização – a vida nas cidades e as questões urbanas, as profissões, a tecnologia, a literatura, a educação e as questões intelectuais, e um de seus desdobramentos é o seu animal mais representativo, a coruja. Talvez, possamos considerar esses elementos mais imediatos os mitemas de Atena. Para Ártemis, encontramos as características da natureza indomada, a selva, os lugares ermos; a vida natural e os ciclos da

natureza são as suas grandes características; a vida ao ar livre prioriza os instintos e o corpo; e a caçadora toma para si os cuidados dos pequenos animais e das crianças, sendo a Deusa chamada pelas parturientes, no momento do parto. As Deusas virgens – ambas guerreiras, indomadas e com um forte *animus* – tornaram-se as representantes dos espaços onde a humanidade vive, e de suas transformações – da selva à cidade e dos espaços vazios, em parques, etc. esses são os elementos arquetípicos das Deusas, as menores representações de seus mitos – mitemas – e actantes (agora apelando para Greimas, 1990), entendido como aquele ou o que define o ato. São esses elementos que demonstrarão as dinâmicas do feminino na fundação das cidades.

Os mitemas das Deusas na cidade

O que se percebe como mitemas são fragmentos de discursos recorrentes que apontam para a agressividade, a violência, a conquista a separação (Regime Diurno de Imagem) e, simultaneamente, para o descanso e o repouso, a comunhão, a união (Regime Noturno de Imagem), resultando uma complementaridade. No Regime diurno tem-se as forças do empreendedorismo, das mulheres que operam em *animus*. Simultaneamente, tem-se as mulheres que são as senhoras e gestoras do lar, que organizam o espaço e cuidam da família, protegendo-a. Essas mulheres são cerebrais como Atena, e se situam no Regime Diurno. Organizam seus espaços e muitas vezes são líderes natas de movimentos sociais que visam o bem-estar da comunidade, ou se organizam em grupos com propósitos de melhoria para áreas públicas esquecidas pelos gestores urbanos, ou mesmo pela melhoria das condições de mobilidade urbana – questão atual nas grandes cidades, principalmente. Ainda considerando a organização do espaço urbano, ao lado do ambiente construído, com grande densidade populacional, existem os espaços que imitam ou tentam recompor um pedaço da natureza – um resquício – as praças, os jardins, os parques, regidos pela Deusa Ártemis, que cuida da vida natural e mais prática, enfatizando as ações físicas, como as das mulheres que se dedicam ao esporte ao ar livre e ao cuidado do corpo, nas academias. Mulheres que consideram o exercício físico fundamental para uma boa vida, que antes ou após o trabalho praticam esporte. Com essas características encontramos as pessoas responsáveis pela paisagem da cidade, no que tange à natureza.

A essa cidade Diurna apresenta-se a sua complementaridade, a cidade Noturna, onde as forças do feminino operam com as mães, esposas e amantes que acolhem e protegem carinhosamente suas famílias com um sentido mais religioso – no que há crença nos valores morais da constituição da família, dos bons costumes e da convivência pacífica entre os homens. Deméter rege essas forças e essas mulheres, propiciando o sentido de Refúgio, de proteção e aconchego do lar, protegendo a maternidade no seu sentido mais amplo, essas mulheres são as protetoras da família e da alimentação; por extensão, Deméter é também conhecida como a Senhora das Plantas, dirigindo sua energia ao sustento dos bebês e crianças, ao crescimento orgânico do corpo.

Essas forças Noturnas ampliam-se nas mulheres dos prazeres, nas prostitutas, nas amantes, nas que protegem os homens e os homens de outras mulheres. Afrodite rege o amor, do erotismo e da eroticidade. Por estar vinculada à beleza, rege, também, as artes, em geral, e a arquitetura, e reina mais na intimidade dos salões de artes, mas isso não a faz introvertida. Estas duas Deusas, Deméter e Afrodite, usam o amor e seus corpos de formas diferentes. Para Deméter, o corpo é um receptáculo, e o amor reservado às crianças e aos filhos; para Afrodite, o amor não é um sentimento contido nela mesma e é voltado ao adulto. Na exacerbação do erotismo, Afrodite deixa-se levar para a intimidade dos encontros ocasionais e fortuitos, buscando a sua plenitude por meio de sua extroversão e no encontro dos corpos dos amantes.

Essas forças actanciais que organizam os cenários urbanos, também, criam sistemas de circulação e deslocamento das pessoas pela cidade, formando uma trama pouco conhecida na organização de espaços públicos. Os caminhos das mulheres que protegem suas famílias podem até se sobrepôr aos caminhos das meretrizes (que também protegem suas famílias), mas não se reconhecem, dada a força simbólica que os diferenciam. E nesta força simbólica pode-se perceber mitemas que apontam para os mitos de Atena, a estadista – quando se trata da força feminina do empreendedorismo – ou da Virgem guerreira – nas batalhas mais agressivas que, em determinados momentos, ignoram as qualidades da polis -, em se tratando de um Regime Diurno de Imagem. Em se tratando de um Regime Noturno de Imagem, tem-se a presença de Deméter – a deusa do Lar, da vida doméstica, da família e do estado, e por outro lado Afrodite, a Deusa do Amor, a que desperta desejos eróticos; quando o desejo extrapola os limites do prazer, encaminhando-se para a perversão e o malefício, as ações criminosas,

poderá surgir Lilith, a Lua Negra, “profanadora da semente humana” (Brill, 1988). Não falaremos de Lilith, neste momento, por mais interessante que seja. A regência dessa Deusa merece um estudo a parte, para entender sua atuação no espaço urbano, e como o espaço se organiza em função de suas ações.

Portanto, agora podemos afirmar a característica de um Regime Noturno, de um Micro-Universo Mítico Sintético do tipo Duplo Universo Existencial Sincrônico (Durand, 1988), para classificar as forças do feminino na cidade. Esta denominação toda, porquê? Porque a cidade vive ao mesmo tempo a pacificidade e a combatividade, nas suas formas mais amplas, representando duas ações temáticas, simultaneamente; com seus actantes se ajustando a cada situação e criando seus cenários míticos, definindo a ação de seus habitantes, e escrevendo suas histórias de vidas. As deusas apontadas pelos mitemas apresentados para fundamentar a natureza do texto, revezam-se, em algumas situações e em outras atuam juntas; mas sempre formando e tecendo o Imaginário urbano. Em consequência, as cidades adquirem as suas formas para acolherem as suas funções; temos, então, as cidades comerciais, as cidades portuárias, as cidades administrativas, as cidades extrativistas, as cidades turísticas, as cidades históricas - tombadas por órgãos de preservação, que adquirem o caráter de museus -, etc. Cada uma destas cidades tem seus espaços e os trajetos dos cidadãos muito bem definidos. Os mapas sensíveis dos territórios urbanos são revestidos de ideias e ideais que mostram as forças actanciais que formam as cidades e que congregam seus cidadãos; assim, é facilmente perceptível os tipos dos cidadãos de cada cidade. Numa cidade comercial, onde as trocas são mais comuns, há, também, uma troca de sociabilidade maior do que numa cidade administrativa, onde os cidadãos são mais formais e menos sociáveis, no sentido de uma conversa mais espontânea. São imaginários diferentes, podemos dizer que uma cidade é permeada por um imaginário do consumo, das compras e vendas, dos olhares para as vitrines; um imaginário da troca e da pechincha, um imaginário da barganha e, portanto, da sagacidade, mas, acima de tudo, uma procura pela beleza, deixando as forças de Afrodite agirem e se desdobrarem em muitos aspectos. Quanto à cidade administrativa, temos a forma de um relacionamento mais cordial, mais impessoal, com a importância posta na carreira, na profissão e no desenvolvimento, gerando um imaginário mais heroico e tecnológico, procurando assegurar a conquista de seus cidadãos. Nesta cidade, o uso do terno e das roupas sociais é muito mais comum do que em qualquer outro tipo de cidade, há um padrão que

impregna o imaginário dos cidadãos, fazendo com que todos se pareçam com administradores, gestores ou diretores de alguma empresa. Nestas cidades, é muito mais provável o final de semana ser um momento de fuga e de relaxamento - os espaços arborizados são mais frequentados, como uma fuga bucólica para a natureza; uma necessidade para o equilíbrio de um imaginário da ordem. As influências de Atena são marcantes nestas cidades. Estes são exemplos de organizações urbanas influenciadas pelas Deusas, que com seus actantes definem o imaginário urbano e o comportamento dos seus cidadãos. Nas cidades turísticas, podemos pensar o imaginário da aventura, com a vontade de deslocamento e descoberta, e a regência de Ártemis; as cidades históricas, por mais que tenham Hera como representante da tradição, apoiam-se em Afrodite que preserva as artes, a arquitetura e a beleza.

Em um momento a Deusa será substituída pelo poder masculino, na organização do espaço urbano. Isso se deu quando as cidades se tornaram áreas de competição e conquistas, segregando as pessoas e se dividindo em locais de Aristocratas e reis e o local do populacho – a divisão entre ricos e pobres -, sobrepondo-se à organização da Deusa que permitia a junção indiferenciada de todos os espaços dos núcleos humanos. Os Deuses masculinos, mesmo tendo adquirido o poder da cidade, nunca conseguiram e nem conseguirão ultrapassar o poder do feminino, porque o aconchego é dado pela Deusa que deu forma ao agrupamento humano, semelhante a seu útero – um espaço fechado, acolhedor e unificador, que respeita as diferenças.

Essas diferenças não eram entendidas como são entendidas hoje. Eram, simplesmente, diferenças de oposição – noite/dia, quente/frio, homem/mulher. A Deusa regia a aldeia numa dimensão mítico-simbólica. Todas as funções e ações ampliavam-se em ações míticas que transcendiam a vigência imediata e em representações simbólicas, cujo princípio era unir a comunidade.

A organização feminina que permitia uma *participation mystique* (Lévy- Brühl, 2008) – indiferenciação entre o sujeito e a “coisa” (objeto, assunto) – e uma identificação projetiva com o lugar; hoje, tem um sentido de territorialidade e de pertencimento. Se o poder do masculino impõe a divisão das funções do homem e da mulher, definindo seus papéis sociais e seus lugares no espaço da cidade, às mulheres o espaço interno da casa e aos homens, o espaço externo, as ruas e a cidade, o sentido latente do urbano – por mais que os Deuses andem por seus espaços, - é feminino. A forma da cidade pode ter mudado, e se do

acolhimento, como princípio organizador, tenha surgido o trabalho, permitindo, com mais ênfase, a diferenciação e a particularização dos bens e do espaço da cidade – instaurando-se o urbanismo –, impondo a ordem racional na organização e na função do espaço urbano, transformou a confusão das funções em setorização e, conseqüentemente, fragmentou as relações sociais e trabalhistas. A setorização trouxe a exclusão de mão-de-obra não qualificada e uma conseqüente valorização de áreas da cidade. A unidade do espaço que mantinha um inter-relacionamento social e simbólico fragmentou-se em detrimento do poder da posse da terra urbana e de sua valorização – mais um pressuposto para o urbanismo organizador ou melhor, ordenador de espaços e funções.

Apesar de tudo, a cidade na sua potência feminina, continua a ser a *anima mundi*; por isso, é preciso ouvir a cidade para se poder entender qual o melhor tipo de urbanismo a ser pensado; isto é, qual a melhor racionalização afetiva (ou a afetividade racional) do espaço, para não se cindir mais a unidade simbólica da cidade – que, hoje, dificilmente, é percebida.

Quando se pensa a alma da cidade, ou quando se diz que é preciso restaurar a alma da cidade, o que se pretende dizer é que se deve restaurar a capacidade imaginativa por meio de sonhos, fantasias e festas (religiosas e profanas), que têm o poder de congregar seus cidadãos num ritual que anula as diferenças, restituindo sua característica primeira, da urobóros totalizadora e da “*participation mystique*”, numa ressimbolização do espaço urbano, numa transcendência para o imaginário (Durand, 1988), enquanto potência organizacional de uma outra ordem, que não a meramente racional. De uma ordem que desvela os segredos da cidade, a sua alma, nos elementos de sua arquitetura como o vidro, os espelhos d’água, as praças e jardins; ou os cantos e vazios, enquanto memória, como diz Assumpção (2018) –; para complementar, pode-se citar Hillman (1993), que diz: “*restauramos a alma quando restauramos a cidade em nossos corações individuais, a coragem, a imaginação e o amor que trazemos para a civilização*” (Hillman, 1993: 38).

Está claro, que a afetividade é o meio pelo qual a cidade se faz compreender. Mas, nem todos têm uma percepção tão apurada. No entanto, o que se queria dizer era isso, a cidade é feminina. Mesmo nos seus momentos de fúria, porque tudo o que foi racionalmente organizado (pelo urbanismo) é facilmente desorganizado pelos cidadãos que vivenciam intensamente a vida da cidade – nas greves e nas revoltas sociais, como nas festas populares, por exemplo, o carnaval -, ou por aqueles que são excluídos da ordem socioeconômica, como

os moradores de rua e os menos privilegiados. Nestes momentos, o feminino se enfurece, como as mães que protegem seus filhos, e requisita o afetivo, sobrepondo-o ao racional. Bachelard (1986) diz que só é possível sonhar em *anima*; então, podemos dizer que só é possível compreender e viver a cidade, este sonho da civilização, somente em *anima*... A parte feminina, no masculino; assim, a cidade se dá na feminilidade, mesmo que se disfarce quando adquire os aspectos de ordenação masculinizados no urbanismo e nas organizações práticas dos espaços, que nem sempre são tão eficazes nos seus desejos de ordem. Dessa forma, a leitura da cidade em sua dinâmica fundadora segue o estilo do mito, por ser simultaneamente metaléptica – sincronia presente, passado causal -, e metabólica – repetitiva e diferencial -, conforme apresenta Paula Carvalho; portanto, a cultura é um sistema simbólico que embasa todo e qualquer tipo de patrimônio, sendo a cidade o símbolo, que medeia o domínio idiográfico e o domínio arquetipológico.

Para finalizar, expõe-se a fala de um teórico do urbanismo, Lewis Mumford, que credita à mulher a criação da aldeia: “na forma, também, a aldeia é criação sua: não importa que outra função pudesse ter, era a aldeia o ninho coletivo para o cuidado e nutrição dos filhos” (1982, 19) e acentua ainda mais a importância e a presença da mulher, enquanto a criadora da casa, da aldeia, da cidade, quando faz uma leitura simbólica da segurança, da receptividade, da nutrição e da proteção como funções pertencentes à mulher. Assim, da casa à cidade o sentido de proteção e acolhimento - o refúgio -, e de todas as formas que se aproximam do redondo, é dado pela representação do útero (um espaço de proteção absoluta e sem mal algum), símbolo da intimidade repousante, demonstrando que a mulher e a força do feminino são as dinâmicas criadoras e formadoras do mundo; se for possível ampliar o sentido da expressão *Urbis et Orbis*, da cidade para o mundo, poder-se-á vislumbrar a ação da deusa, no processo de criação do mundo, numa integração arquetípica, num isomorfismo simbólico para a representação do refúgio.

Referências

ASSUMPÇÃO, Rodrigo Vitorino. **Canto, vazio e memória: ontologia e território**. Campinas, SP: PUC Campinas, 2018.

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo: Difel, 1986.

BRILL, Jacques. **La Mère Obscure**. Paris: L'Esprit du Temps, 1988.

CARVALHO, José Carlos de Paula. **Antropologia das Organizações e Educação**: um ensaio holonômico. Rio de Janeiro: Imago, 1990

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DURAND, Gilbert. **A Imaginação Simbólica**. São Paulo: Cultrix: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1988.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. Lisboa: editorial Presença, 1989.

DURAND, Gilbert. **Figures Mythiques et Visages de l'Oeuvres**: de la mythocritique à la mythanalyse. Paris: Berg International, 1979.

DURAND, Gilbert. **Mito e Sociedade**: a mitanálise e a sociologia das profundezas. Tradução: Nuno Júdice. Lisboa: A Regra do Jogo, 1983

DURAND, Yves. **L'Exploration de l'Imaginaire**: introduction à la modélisation des Univers Mythiques. Paris: L'Espace Bleu, 1988.

GREIMAS, A. J. y Courtes, J. Actante. In: **Semiótica. Dicionario razonado de la teoría del lenguaje**. Madrid: Gredos, 1990.

HILLMAN, James. **Cidade & Alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

JUNG, Carl Gustave. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LÉVY-BRUHL, Lucien. **A mentalidade primitiva**. São Paulo: Paulus, 2008

MORIN, Edgar. **Sociologia**: a sociologia do microsocial ao macroplanetário. Lisboa: Europa-América, 1998.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na História**: suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1982

SOURIAU, Etienne. **As Duzentas Mil Situações Dramáticas**. São Paulo: Ática, 1993

WOOLGER, J. B. & WOOLGER, R. J. **A Deusa Interior**: um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas. São Paulo: Cultrix, 2005.